

A conferência mais recente do Reitor Guerra

por John Vennari

Ligada à futura inauguração da nova basílica de cimento em Fátima ([ver mais adiante](#)), que está prevista para 2007, teve lugar em Fátima uma conferência especial no fim de semana da trasladação da Irmã Lúcia, 17 e 18 de Fevereiro. Intitulava-se “O Santuário — Iniciativa divina a favor do Homem,” e fora organizada pelo Reitor Guerra.

Era um evento de Sexta-feira à tarde e todo o Sábado, com uns oito oradores. Estive presente a parte dele, e um colaborador de fala portuguesa assistiu a todo o acontecimento.

A finalidade aparente da conferência era aumentar o número de voluntários no Santuário; tanto para as estruturas existentes como para quando abrir a nova igreja. Não foi um acontecimento inter-religioso, e por isso não teve os disparates interconfessionais que pululavam no Congresso de Fátima de 2003, a que eu assisti.¹ Parte do que foi dito era interessante e edificante. Outras declarações eram perturbantes.

No lado positivo, soubemos que 90% dos peregrinos que vão a Fátima são portugueses, e 10% são estrangeiros. Ficámos também a saber que ainda há muitos peregrinos que vão a Fátima a pé.

O Bispo D. Augusto César, de que até ali eu nada sabia, disse que a Eucaristia é o fulcro das Aparições, que os peregrinos deviam voltar para casa espiritualmente mudados, que deviam ir ao Santuário em busca de silêncio, e que o Santuário não é um lugar de diversão. Também falou da dedicação dos três pastorinhos de Fátima à conversão dos pecadores.

De facto, um outro orador até falou do pecado como uma ofensa contra Deus, em vez de ser algo que meramente degrada a dignidade inerente à pessoa humana, como está actualmente na moda humanística. Também falou da fórmula tradicional “A Jesus por Maria.”



(À esquerda) A horrível basílica modernista de cimento em Fátima, já quase completa, parece mais uma prisão de alta segurança do que uma igreja. (À direita) O edifício que vemos à direita é uma prisão situada perto do convento da Irmã Lúcia em Coimbra. É uma ironia dolorosa vermos uma prisão que parece uma igreja, enquanto que a nova “igreja” do Reitor Guerra parece uma prisão.

Os erros de Frei Lopes

Infelizmente, também houve ordadores que disseram coisas que deram causa a alguma perturbação. Frei Joaquim Lopes Morgado, OFM, por exemplo, fez uma alocução em que procurava encontrar nas Escrituras uma base para um sistema de pensamento relativo ao acolhimento e hospitalidade no Santuário (o seu tema). Durante a sua apresentação, tentou justificar uma abordagem inter-religiosa, dizendo que, assim como Cristo comia com os gentios, assim as nossas igrejas podem dar hospitalidade a quem não pertencer à religião católica.

Esta declaração engana e parece que enferma de uma falsa de precisão deliberada. Por um lado, nenhuma igreja católica ou santuário fecha as portas a um não-Católico que quiser entrar para observar cerimónias católicas, ver o interior da igreja, ou fazer uma oração em privado. Mas a Igreja Católica proibiu sempre que se abrisse as portas a não-Católicos para fazerem as suas cerimónias, ou para um retiro de ministros anglicanos, ou para qualquer género de serviço cultural não-católico, como o que os Hindus fizeram no Santuário. A Igreja também proibiu que se fizesse uma reunião em que Católicos rezassem em público juntamente com não-Católicos.

A razão por a Igreja assim ter sempre feito não é meramente disciplinar, para poder mudar legitimamente de tempos a tempos. É antes porque a Igreja Católica é a única religião verdadeira, revelada por Deus, e por isso não pode ser colocada ao mesmo nível das religiões falsas e inventadas pelos homens.

Por exemplo, o Papa Leão XIII ensinou na sua encíclica *Libertas* que é “contrário à razão que a verdade e o erro tenham direitos iguais.” Ora o ecumenismo considera o erro e a verdade como “parceiros iguais no diálogo”, como o Padre modernista Jacques Dupuis disse no Congresso inter-religioso de Fátima, organizado pelo Reitor Guerra em Outubro de 2003.

O Papa Leão XIII disse ainda, na sua encíclica *Immortale Dei*, que é “ilícito colocar as várias formas de culto divino ao mesmo nível da religião verdadeira.” Dentro da mesma orientação, o Papa Pio XI, na sua encíclica *Quas primas*, lamentou o facto de os Governos terem colocado “a religião verdadeira de Cristo ao mesmo nível das falsas religiões e, ignominiosamente, na mesma categoria delas.” Se é mau os Governos adoptarem este indiferentismo, não será pior quando tal ocorre através de iniciativas ecuménicas e inter-religiosas em igrejas católicas ou em propriedade católica?

Nosso Senhor morreu na Cruz, derramando até ao fim o Seu Preciosíssimo Sangue, para criar a Igreja Católica, e só ela, com a sua estrutura hierárquica e os seus sete Sacramentos. Todas as outras religiões não são apenas bons sistemas mas *menos perfeitos* do que o Catolicismo. São antes religiões falsificadas, ou seja, são falsas religiões que dão a falsa impressão de que conduzem as pessoas a Deus e à salvação. Estas falsas religiões estão erguidas contra a vontade manifesta de Cristo, independentemente das intenções subjectivas dos seus membros.

No momento em que a Igreja Católica abre as portas a membros de falsas religiões para rezarem em público dentro dos seus muros, está a dar a falsa impressão de que estas religiões chegam para a salvação, e que, portanto, os membros destas falsas religiões não precisam de se converter à única Igreja verdadeira, que Cristo estabeleceu para a salvação. As actuais actividades inter-religiosas opõem-se completamente ao dogma infalível da Igreja Católica, definido no Concílio de Florença, e em que todos os Católicos devem acreditar como parte da sua Fé e de origem divina:

“A Santíssima Igreja Romana crê firmemente, professa e prega que nenhum dos que existem fora da Igreja Católica, não só pagãos como também judeus, heréticos e cismáticos, poderá ter parte na vida eterna; mas que irão para o fogo eterno que foi preparado para o demónio e os seus anjos, a não ser que a ela se unam antes de morrer; e que a unidade deste corpo eclesiástico é tão importante que só aqueles que

se conservarem dentro desta unidade podem aproveitar-se dos sacramentos da Igreja para a sua salvação, e apenas eles podem receber uma recompensa eterna pelos seus jejuns, pelas suas esmolas, pelas suas outras obras de piedade cristã e pelos deveres de um soldado cristão. Ninguém, por mais esmolas que dê, ninguém, mesmo que derrame o seu sangue pelo Nome de Cristo, pode salvar-se, a não ser que permaneça no seio e na unidade da Igreja Católica.”²

Da mesma maneira, o Beato Papa Pio IX, fiel à doutrina católica perene, ensinou no seu *Syllabus de Erros* que é um erro acreditar que “o Protestantismo não é mais que outra forma da mesma verdadeira religião cristã.” Mas o ecumenismo de hoje trata efectivamente o Protestantismo como nada mais do que outra forma da mesma verdadeira religião cristã, o que é exactamente o erro que o Beato Papa Pio IX justamente condenou.

O ecumenismo e as práticas inter-religiosas, hoje defendidas em Fátima, são portanto contrários aos claros ensinamentos papais que condenaram tais actividades através dos séculos (veja-se a encíclica *Mortalium Animos*, do Papa Pio XI), e são terreno onde proliferam os escândalos e a heresia do indiferentismo religioso, que foi sempre condenada pelos Papas.

Mais falsidades

Frei Lopes também deu voz a outro erro. Disse que a Bíblia no seu quarto tinha tanto a presença de Deus como a Eucaristia tem a presença de Deus na igreja.

Isto é manifestamente falso, porque é apenas na Sagrada Eucaristia que Jesus Cristo está presente sacramentalmente, Corpo, Sangue, Alma e Divindade. Não existe uma Presença Real transsubstanciada de Jesus Cristo na Bíblia. Não colocamos a Bíblia numa custódia para dar a bênção. Não precisamos de mãos consagradas para segurar nas Escrituras, tal como só as mãos consagradas do sacerdote têm o direito de tocar na Hóstia Consagrada. Nossa Senhora de Fátima não ensinou aos três pastorinhos: “Meu Deus, meu Deus, adoro-Vos na Bíblia”. Não, ensinou-lhes a dizer: “Meu Deus, meu Deus, adoro-Vos no Santíssimo Sacramento”. O Anjo de Fátima falou do Santíssimo Sacramento como sendo o Corpo, Sangue, Alma e Divindade de Jesus Cristo, presente nos sacrários de todo o mundo.

Mas Frei Lopes estava simplesmente a repetir um erro que muitos de nós temos ouvido desde o Vaticano II, uma espécie de “igualização da presença de Deus” na Eucaristia, na Bíblia e (embora Frei Lopes não o dissesse) na assembleia. Esta falsa igualização tripla é essencialmente um conceito protestante que tem sido aceite por demasiados Católicos.

Ninguém no Congresso, incluindo o Reitor Guerra, corrigiu estas declarações erróneas. Deixaram-nas ser absorvidas sem contradição pelas 200 e tal pessoas presentes, na sua maioria leigos.

De qualquer maneira, a finalidade da Conferência, como já dissemos, era pedir mais voluntários para o Santuário, e anunciar um curso alargado de treino, com a duração de três meses, sobre como acolher pessoas no Santuário. A natureza exacta do que este treino alargado vai ser ainda não foi explicada.

Mas quando nos lembramos da suposta hospitalidade que o Reitor Guerra deu aos 3.000 Católicos da [Peregrinação de reparação](#) de Agosto passado, enviando freiras para interromper as suas orações com cânticos e tentando levar os Católicos a parar de rezar e deixar a esplanada, tocando música em altos gritos pelos altifalantes do Santuário, ficamos a pensar que género de treino de hospitalidade estes voluntários irão receber.

Notas:

1. Ver “[Fátima Irá Tornar-se Num Santuário Interconfessional? Um relato de alguém que esteve lá.](#)” J. Vennari, *The Fatima Crusader*, Nº 75, Inverno de 2004.
2. Papa Eugénio IV, Bula *Cantate Domino*, 1441 [Concílio de Florença], Denzinger 714.